

Religião e caos no discurso de Bolsonaro

Religion and chaos in Bolsonaro's speech

Ricardo José Bento*

Recebido: 27/05/20

Aprovado: 06/06/20

Resumo:

A atual situação política do Brasil parece caminhar para a construção de uma nova teocracia. O presidente da República tem utilizado da teologia política de caráter cristão para conquistar legitimidade e governar o país através de uma moral cristã conservadora. Para concretizar esta conquista, tem-se construído um mundo caótico que precisa ser combatido que se caracteriza, a princípio, como sendo esquerda política; neste combate oferece como solução a construção de um mundo novo, perfeito, cristão e conservador. O artigo pretende oferecer elementos para compreender como se constrói esse *mundo novo*, polarizado entre o caos e o cosmo, entre o bem e o mal, segundo a proposta do atual governo bolsonariano.

Palavras-chaves: Religião. Caos. Teologia Política. Conservadorismo. Bolsonaro.

Abstract:

The current political situation in Brazil seems to be moving towards the construction of a new theocracy. The President of the Republic has used political theology of a Christian character to gain legitimacy and govern the country through conservative Christian morals. To achieve this achievement, a chaotic world has been built that needs to be fought, which is characterized, at first, as being a political left; in this fight it offers as a solution the construction of a new, perfect, Christian and conservative world. The article intends to offer elements to understand how this new world is constructed, polarized between chaos and the cosmos, between good and evil, according to the proposal of the current Bolsonarian government.

Keywords: Religion, Chaos. Political Theology, Conservatism, Bolsonaro.

Introdução

Em um olhar preliminar, pode-se dizer que, para grande número de cristãos, a atual situação sociopolítica no Brasil reflete um ideal utópico que está sendo concretizado; um sonho que se realiza na medida em que os valores cristãos estão na pauta do governo. Qual seria essa pauta, senão um aglomerado de retalhos éticos fundamentados numa perspectiva de direita, com aspectos teocráticos fundamentalistas?

* Ricardo José Bento é graduado em Teologia e História. Mestre em Ciências da Religião, pela Universidade Mackenzie, e doutorando em Ciência da Religião, na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Esta colcha de retalhos de ideias extraídas das Escrituras sagradas, mas fortemente influenciada por uma teologia popular, colabora para uma cosmovisão de mundo, que indica uma intenção: a dominação. Esta realidade se aproxima de um *absolutismo* com aspectos que indicam um regime com características muito parecidas às de outros que buscavam o domínio absoluto e déspota; ou que almeja chegar a este regime¹.

O retorno ao conservadorismo tem, na sua especificidade, características que se assemelham a outros momentos históricos. Por isso, quando se pensa na história política mundial, não se pode afirmar que o conservadorismo seja realmente uma nova realidade. Pode aparentar aos desatentos algo inédito, porém, carregado de elementos antigos, já contemplados.

Neste contexto, a religião está inserida implícita e explicitamente. A religião tem sido elemento de coesão, de justificação e fundamentação de domínio e poder. A religião oferece o elemento fundamental na construção de um ideal de direita moralista, de domínio absoluto, sem limites, teocrático e inquestionável. A religião colabora para a construção de uma sociedade polarizada entre o bem e o mal.

O que poderia aparentar ser algo novo neste contexto é a tecnologia que potencializou as propagandas e comunicações entre as pessoas, as reconhecidas redes sociais. *News* com a intenção de manipular a opinião pública e atrair as pessoas. Pode parecer uma nova configuração histórica, mas com marcas antigas de um cosmos construído para legitimar o poder e ter poder para governar legitimamente.

1. A Construção do Mundo de Bolsonaro – Caos X Cosmos

A percepção da construção de uma realidade caótica, polarizada entre o bem e o mal, colabora para compreender o campo político atual do Brasil. Na edificação desse mundo, expressões e jargões de cunho cristão bíblico compõem o discurso simbólico, formando uma base de grande importância.

Por mais absurda que possa parecer, sua expressão encontra respaldo e apoio na sociedade. Ainda que se tenha pensado que a religião morreria no século XXI, percebe que está mais viva e atuante, e de forma singular. Esta é a perspectiva apresentada por Mark Lilla:

Achamos incompreensível que as ideias teológicas ainda incendeiem a mente dos homens, agitando paixões messiânicas que deixaram sociedades em ruínas. Tomámos por certo que isso já não era possível, que os seres humanos tinham

¹ A utilização do conceito de absolutismo é proposital no sentido de provocar um olhar para o passado, e estimular a percepção em relação aos aspectos similares com as intenções do atual governo brasileiro, principalmente na figura de seu presidente, Jair Messias Bolsonaro.

aprendido a separar as questões religiosas das políticas, que o fanatismo estava morto. Estávamos enganados (LILLA, 2010, p. 11).

O atual governo brasileiro vem se utilizando de expressões e conceitos religiosos para *construir* uma realidade e se utilizar desta realidade para conseguir êxito. A frase: *O Brasil acima de tudo e Deus acima de todos* é muito utilizada e faz parte principal deste discurso, evocando uma teocracia onde o governante Jair Bolsonaro seria o representante de Deus. Estratégia esta que alcançou êxito, na última eleição (2018) conquistando a presidência do Brasil; e agora para legitimar-se como presidente.

Para esta análise da forma como a religião tem sido utilizada na construção de um mundo novo, pretende-se empregar o expediente de Peter Berger tratado em *O Dossel Sagrado* (2018) para se compreender a realidade e a construção de um universo polarizado, observando também de certa maneira, a perspectiva onde um líder político se propõe ainda que, de maneira indireta, como salvador: a verdade para a solução do problema político brasileiro.

Para Berger a sociedade é construída na relação homem e sociedade numa interação dialética. Esse autor constata:

Mais ainda, é dentro da sociedade, como resultado de processos sociais, que o indivíduo se torna uma pessoa, que ele atinge uma personalidade e se aferra a ela, e que ele leva adiante os vários projetos que constituem a sua vida. O homem não pode existir independente da sociedade. As duas asserções, a de que a sociedade é produto do homem e a de que o homem é produto da sociedade, não contradizem. Refletem, pelo contrário, o caráter inerentemente da dialética do fenômeno social (BERGER, p. 18, 2018).

Neste caso, o indivíduo colabora para a construção da sociedade e se adequa e se conforma a esta realidade construída, sendo o processo de exteriorização a participação do indivíduo na sociedade, gera transformações e no estágio da objetivação se torna independente ao próprio indivíduo. Na interiorização ocorre a reapropriação dos elementos exteriorizados pelo homem. Na objetivação, as ideias do indivíduo passam a ter *vida própria*, tornam-se independentes do homem que a externou retornando para ele.

Há indicativos de que as coisas se tornam mais evidentes ou perceptíveis ao fugir da esfera individual para atingir um número maior de pessoas e, na atualidade, pelas *redes sociais*, que colaboram para isso. Nota-se que esta realidade histórica se constrói com adesão e participação de outros indivíduos, e essa adesão se dá quando encontra eco na sociedade, quando faz parte dos anseios e desejos dos indivíduos. Os

indivíduos aceitam, reconhecem e passam a trabalhar para que aquela proposta se concretize. A exteriorização do indivíduo se torna um elemento social. Em outras palavras, *o mundo cultural não é apenas produzido coletivamente, como também permanece real em virtude do reconhecimento coletivo* (BERGER, 2018, p. 27).

O discurso conservador do atual presidente encontrou eco numa parcela da população brasileira que também almejava uma sociedade conservadora, em que pese inclusive, como exemplo, um modelo de família tradicional; as questões relacionadas a multiplicidade de gênero, e outras ideias defendidas que trazem um rótulo do conservadorismo (Cf. NISBET, 1987). Propostas estas, que já existiam na bancada evangélica (ALMEIDA, 2017, p. 11), na bancada ruralista e na bancada armamentista (da bala), conhecida como bancada BBB. Unidas, estas pessoas passam a construir uma sociedade, ainda que estejam separadas por uma perspectiva religiosa diferente (católicos, protestantes históricos, pentecostais e neopentecostais). Embora estejam também separados politicamente, apresentam uma forte tendência de direita. Destaque-se que esta união acontece dentro de uma concepção de Estado laico e, no entanto, o que as une no mesmo propósito pode ser apontado como o conservadorismo radical, de cunho religioso e de repulsa aos que são contrários, designados como de esquerda ou comunistas.

Parece-nos provável que o conceito de *afinidade eletiva*, tratado por Weber para compreender a relação do capitalismo e a ética protestante, colabora para compreendermos a união de um Estado laico, mas que no atual governo se apresenta como religioso, teocrático, e com forte influência cristã. Não apenas a união de religião e de visão política, mas uma união caracterizada, e que tem como elemento aglutinador, o conservadorismo cristão.

O trabalho de Löwy, que analisa o conceito de *afinidade eletiva* apresentando suas variáveis, concede-nos a possibilidade de utilizar o conceito trabalhado por Weber:

A articulação, combinação ou união entre as partes, podendo resultar em algum tipo de *simbiose cultural*, em que as duas figuras, ainda que permanecendo distintas, estão organicamente associadas; ou seja, para citar o próprio Weber, quando *um desenvolvimento de uma íntima e sólida unidade se instaura*. (LÖWY, 2011, p. 139).

Nota-se uma certa proximidade, na qual elementos contrários, que poderiam distanciar e gerar conflitos entre católicos romanos, protestantes e pentecostais, são deixados de lado para com determinada afinidade e propósito apoiar as ideias do atual presidente.

Nesse sentido, o conservadorismo se apresenta como elemento aglutinador, que une indivíduos na colaboração para que se consiga estabelecer e manter o poder político. É a simbiose cultural que dá sentido à união de fiéis de várias matrizes cristãs distintas, criando as condições simbólicas necessárias para construir um mundo polarizado na qual a participação da religião tem papel significativo dentro de um propósito conservador. Mesmo os que de certa forma não se enquadram no aspecto religioso mas almejam uma sociedade tradicional, são incluídos por conta do conservadorismo.

A construção desta realidade necessita da polarização entre bem e mal, ordem e desordem, destruição e reconstrução, anjos e demônios. Por esta razão, percebe-se a constante atitude combatente e conflituosa do presidente Bolsonaro. O conflito entre o bem e o mal formam o pano de fundo das ideias bastante presentes no atual discurso do governo federal. Constrói-se um inimigo com subsídios que estão presentes no passado, uma visão dos erros, das desgraças, de uma realidade caótica, construída por uma suposta esquerda, identificada com o mal, inclusive a demonização de algumas situações, ideologias, partidos, governos, instituições e pessoas.

A cosmovisão exposta por Castells do mundo em crise, colabora para compreender como a crise mundial tem sido utilizada de maneira distorcida.

Nossas vidas titubeiam no turbilhão de múltiplas crises. Uma crise econômica que se prolonga em precariedade de trabalho e em salários de pobreza. Um terrorismo fanático que fratura a convivência humana, alimenta o medo cotidiano e dá amparo à restrição da liberdade em nome da segurança. Uma marcha aparentemente inelutável rumo à inabitabilidade de nosso único lar, a Terra. Uma permanente ameaça de guerras atrozes como forma de lidar com os conflitos. Uma violência crescente contra as mulheres que ousaram ser elas mesmas. Uma galáxia de comunicação dominada pela mentira, agora chamada pós-verdade. Uma sociedade sem privacidade, na qual nos transformamos em dados. E uma cultura, denominada entretenimento, construída sobre o estímulo de nossos baixos instintos e a comercialização de nossos demônios (CASTELLS, 2018, p 6).

O Presidente Jair Bolsonaro tem se apropriado da crise da democracia liberal, que pode ser identificada no panorama mundial, e tem se utilizado desta para criar seu inimigo, sem, contudo, reconhecer a crise da democracia liberal como a crise política de forma geral. A pobreza que tem atingido milhares e provocado as migrações em busca de melhores condições de vida, não são apresentadas como problemas do liberalismo econômico que não deu certo, mas da esquerda, do socialismo e do comunismo. Mesmo que esta constatação não seja verdadeira, ela compõe as argumentações ideológicas do Presidente Jair Bolsonaro e seu governo.

Aqueles que de alguma forma não compartilham das ideias do presidente, seja ficando do lado contrário de suas ideias, seja de direita ou esquerda, amigo ou não, tornam-se inimigos. Políticos, ministros, assessores, escolhidos e indicados pelo presidente, perdem seus cargos quando de alguma forma ou em algum momento não atendem as ordens, discursos e ideias do atual governo de Bolsonaro. Nesta perspectiva, uma proposta de uma nova realidade, de solução, da salvação é sempre necessária (ARENDDT, 2019, p. 430).

A proposta do Presidente Bolsonaro de um novo Brasil encontra respaldo no empenho de conferir significado e ordem à sociedade, afastando a ameaça do caos. Ou seja, a construção do país, ainda que para uma parcela da população pareça inaceitável, absurda, para os que aceitam e colaboram com aquela proposta de sociedade, há sentido, é uma realidade significativa (BERGER, 2018 p. 41).

A partir do conceito de *nomos*, como algo que ilumina a vida dos indivíduos na sociedade, Berger desenvolve a ideia de luminoso; e tudo o que não se adequa ao *nomos*, se caracteriza como o lado sombrio da noite, sendo o caos que se opõem a cosmos. Sendo assim todo indivíduo que destoa do cosmo, e dos significados que dão sentido a este mundo, se torna loucos.

O indivíduo que se desgarrá seriamente dos programas socialmente definidos pode ser considerado não como um idiota ou um canalha, mas como louco. Subjetivamente, portanto, o desvio sério provoca não só culpa moral, mas o terror da loucura (BERGER, 2018, p.44).

Aqueles que se colocam contrários ao *nomos* e ao *cosmos* que está em construção pelo atual governo serão sempre os representantes do caos, serão os *canalhas* e *bandidos*. Esta situação se dá porque o *nomos* foi reconhecido como expressão óbvia da *natureza das coisas* (BERGER 2018, p.45). Há um significado profundo segundo o qual este *nomos* é aceito antropologicamente, se tornando mais poderoso do que explicações e racionalizações históricas. Caso aquele *cosmo* construído, fortemente apropriado, carregado de significado e inerente à natureza humana, seja questionado historicamente, como em outros eventos históricos marcados pelos aspectos conservadores, estas fissuras históricas não são consideradas suficientes para questionar esse mundo. Este *cosmos* além de ser reconhecido antropologicamente, recebe uma roupagem poderosa da religião. Deus está conduzindo o processo de purificação do Brasil e Bolsonaro é apontado como o luminoso, o messias escolhido para conduzir este processo. No terceiro ponto, aprofundar-se-á esta questão do messianismo.

2. A Lógica do Caos e o Poder Religioso.

A construção de uma realidade dicotômica, que coloca as forças do bem contra as forças do mal, se apresenta com certa gravidade histórica. Arendt apresenta algumas considerações sobre esta polarização que pode parecer inocente, sem aspectos de violência, mas que carrega um poder destrutivo significativo.

Fenômenos tão insignificantes e desprovidos de importância na política mundial como a questão judaica e o antissemitismo se transformaram em agente catalizador, primeiro, do movimento nazista; segundo, de uma guerra mundial; e, finalmente, da construção dos centros fabris e morte em massa (ARENDR, 2019, p.12).

O governo recorre frequentemente ao uso da religião. O elemento religioso cristão está presente e tem chamado a atenção, aglutinando pessoas em busca de um mundo guiado pelo ideal cristão, com a possibilidade de irromper em situações agravantes para os opositores. A manipulação da religião pode levar uma nação a situações já constatadas na história, de poder, manipulação e destruição. Há uma aparência preocupante. Quando se constrói uma realidade com a dicotomia bem e mal, onde os que são contrários a ideias e posições do atual governo se tornam inimigos a serem vencidos, realmente pode-se chegar a situações extremadas.

... é verdade que, nos estágios finais do totalitarismo, surge um mal absoluto (absoluto, porque já não pode ser atribuído a motivos humanamente compreensíveis), também é verdade que, sem ele, poderíamos nunca ter conhecido a natureza realmente radical do Mal (ARENDR 2019, p.13).

Pode-se encontrar exemplos de outros países que apresentam situações que se tornaram catastróficas, e que se não houvesse registros históricos destes eventos, certamente haveria dificuldade em acreditar no que aconteceu e na violência marcante de ações de governos que apresentavam as características de domínios absolutos, déspotas. Porém, não foi uma situação isenta da ação da sociedade e do povo.

O totalitarismo, por exemplo, foi apoiado pela massa (ARENDR, 2019, p. 415, nota 1) e havia um anseio da massa contrária em relação ao judeu que vivia na Alemanha. Algo aparente acontece no Brasil, o governo atual encontrou eco na massa por uma moralidade radical, contra as questões principalmente relacionadas a questão de gênero, em busca de uma família tradicional, diante de uma crise política e econômica. Para Arendt, não foi apenas o poder da propaganda manipuladora, houve uma reação positiva para as ideias que se propagava; as propagandas representavam anseios obscuros em cada indivíduo que se associavam àquela ideia de uma nova realidade.

A lógica está em encontrar algo na sociedade que possa ser potencializado por um discurso ideológico. Para Arendt, o antissemitismo foi o ponto de partida. Na realidade brasileira, o descontentamento e a forma como há um afrouxamento comportamental de caráter social, contrário ao conservadorismo cristão, se faz presente na sociedade. Há uma insatisfação diante de um sistema político caótico que se apresenta cada dia mais envolvido em corrupção. A economia vem sofrendo com as crises de desemprego, falência de grandes indústrias, alta do dólar e as notícias de imensas fortunas sendo desviadas dos cofres públicos.

Para o atual governo, o primeiro inimigo foi a chamada esquerda cultural, ainda que os problemas não estejam relacionados apenas a esquerda. A esquerda que nem representa um conceito clássico da ideologia; se parece mais com uma concepção popularesca, mas que se tornou o inimigo, dada a necessidade de se criar um mundo caótico. Porém, percebe-se nas posições do governo brasileiro, que todos os que de alguma forma se levantam contra as propostas e planos, se torna de alguma forma um inimigo a ser combatido. Essa atitude é observada nos estágios do totalitarismo bolchevista analisado por Arendt:

A bolchevização dos países satélites começou com as táticas da frente popular e um falso sistema parlamentar, passou rapidamente ao franco estabelecimento de ditaduras unipartidárias nas quais os líderes e os membros dos partidos, que eram tolerados antes, foram liquidados; depois atingiu o estágio final quando os líderes comunistas nativos, dos quais Moscou suspeitava com ou sem razão, foram brutalmente incriminados, humilhados em julgamentos ostensivos, torturados e mortos sob o domínio dos mais corruptos e desprezíveis elementos do partido, ou seja, aqueles que fundamentalmente, não comunistas, mas agentes de Moscou (ARENDR, 2019, p.430).

A realidade brasileira não pode ser comparável ao que aconteceu na URSS e nem a outros países. Contudo, percebe-se uma violência no discurso, nas palavras, na postura do atual Presidente da República. Em discurso realizado na TV em maio de 1999, o atual presidente faz o seguinte pronunciamento: *Deveriam ter sido fuzilados uns 30 mil corruptos, a começar pelo presidente Fernando Henrique Cardoso*. O ex-presidente Fernando H. Cardoso, não era de esquerda e teve muitas decisões que se aproximavam mais do liberalismo econômico. Muito mais do que um discurso, esta ideia exemplifica um pensamento que se faz presente em outros momentos, como não admitir a ditadura; a defesa da tortura, como na afirmação: *Eu sou favorável à tortura, tu sabes disso*, dito em programa de TV, em 1999 e posteriormente: *O erro da ditadura foi torturar e não matar* em entrevista no rádio, em junho de 2016 (Cf.

www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna_politica). Percebe-se que o pensamento foi expresso em 1999 e depois na mesma linha em 2016, e atualmente enquanto presidente, este pensamento continua presente no discurso e postura presidencial, com diversos exemplos desta postura radical e violenta.

É necessário ainda lembrar o que Arendt mencionou (ARENDDT, 2019, p.12), atitudes que podem passar a impressão de serem desprovidas de importância, fomentam atitudes concretas de violência. Sem entrar numa discussão jurídica, as ameaças são consideradas pela justiça. As ameaças têm sido fortemente utilizadas, contra a educação, cortes de verbas para pesquisas, contra a imprensa, contra os partidos opositores e até o próprio partido (PSL) do presidente, que sofre ameaças por conta de questões relacionadas ao filho e deputado Flávio Bolsonaro. Aos que de alguma forma foram apoiadores num primeiro momento, se tornaram ou podem se tornar inimigos a serem eliminados.

Assim como em outros regimes, guardadas as devidas especificidades e proporções, a propaganda foi uma arma infalível no processo de domínio absoluto. Assim como percebe-se a lógica da violência e da criação de inimigos, a propaganda é utilizada para discriminar e criar uma verdade.

Em outras palavras, embora sempre se tenha sabido que as publicações oficiais soviéticas serviam a fins de propaganda e eram completamente indignas de confiança, agora parece claro que nunca existiram, em parte alguma, fontes dignas de fé e material estatístico em que se pudesse confiar (ARENDDT, 2019, p.418).

Duas situações podem ser observadas. Primeiro, o fato da confiabilidade das informações e propagandas do governo. Hoje, percebe-se a quantidade de *Fake News* produzidas pelas redes sociais e internet. Outro dado que pode ser observado, é o fato de o governo questionar dados estatísticos e pesquisas de reconhecimento internacional e com longa trajetória histórica, e até os órgãos oficiais do governo são questionados quando não apresentam dados que agradam. Dados do IBGE, IMPA e outros, são descredenciados e desacreditados em discursos do governo.

A título de exemplo, a saída do presidente Bolsonaro do partido (PSL) que o elegeu à Presidente da República, a criação de um partido novo, o discurso na ONU, ataques à suposta esquerda brasileira, o enfrentamento a dirigentes de outros países, como no caso da França. São tantas as atitudes carregadas de ameaças que representam uma verdade imposta pelo governo e seus ideais e que podem denotar as características de um desejo pelo autoritarismo.

Estas atitudes apresentam a ideia de que o Presidente Bolsonaro está rompendo com tudo o que pode aproximá-lo das antigas ideias e posições dos governos passados, de que seu governo e suas propostas são novas e não estão vinculadas aos que já governaram e não fizeram nada. Isso explica o fato de sair de seu partido, a falta de se coligar com outro e a criação de uma sigla partidária.

No caso analisado por Arendt, o antissemitismo, que se apresenta com dado religioso que fora atacado, combatido pelo estado totalitário, é o inimigo escolhido para representar, não exclusivamente o caos, mas também o inimigo a ser derrotado. No caso brasileiro, o elemento religioso de matriz cristã se apresenta nitidamente como instrumento de aglutinação e discurso de empoderamento. Não se caracteriza como um inimigo, mas como um ideal, um símbolo de um salvador messiânico que vem para salvar a nação.

Se esse discurso representa a verdade, não importa, numa perspectiva weberiana o que importante é se funciona, e tem funcionado, pois o atual governo tem galgado seus objetivos, e na perspectiva de Arendt o discurso feito com convicção é acolhido pela massa.

A sociedade tende a aceitar uma pessoa pelo que ela pretende ser, de sorte que um louco que finja ser um gênio sempre tem certa possibilidade de merecer crédito, pelo menos no início. A sociedade moderna, com sua falta de discernimento, essa tendência é ainda maior, de modo que uma que não apenas tem certas opiniões, mas as apresenta num tom de inabalável convicção, não perde facilmente o prestígio, não importa quantas vezes tenha sido demonstrado o seu erro (ARENDR, 2019, p 715, nota 1).

Não é a verdade ou a mentira que são avaliadas, mas a forma como um líder com anseios autoritários se apresenta diante da massa com convicção, firmeza e passando a impressão de que acredita no que está propondo. As propagandas dos movimentos totalitários, que precede a instauração dos regimes totalitários e os acompanha, é inevitavelmente tão franca quanto mentirosa (ARENDR, 2019, p. 435). Esta premissa de Arendt, além de falar-nos das propagandas que podem apresentar inverdades, nos ajuda a compreender que ainda que os anseios de um totalitarismo estejam no início, podem levar a uma situação plena, a um estado totalitário pleno. Ainda que esta premissa seja pesada, o totalitarismo também ocorre enquanto um processo.

Se o atual governo, na pessoa do Presidente da República, está utilizando a religião com sinceridade, acreditando no discurso religioso de caráter cristão, não importa, o que de fato importa, é que está movimentando uma massa, cega, pois tem olhado só para o discurso religioso que lhe proporciona legitimidade. A tradição da

teologia política cristã que ora estava relativamente esquecida, traz *uma memória antigüíssima da busca humana de colocar a totalidade da vida do homem sob a autoridade de Deus* (LILLA, 2010, p. 13). Essa massa, que olha e apoia o atual presidente, sente que suas expectativas, de um governo conduzido por Deus se concretiza nele e isso acontece; pois, o discurso religioso marcado pela utilização de expressões e chavões de fundamentação bíblico cristã, transmite esta informação.

A título de exemplo, o partido Aliança pelo Brasil, criado recentemente pelo Presidente Bolsonaro e os filhos, envolvidos na política brasileira, expressa esta realidade de uma teologia política na base ideológica do partido.

No início do evento, a advogada Karina Kufa enumerou, em discurso, quatro princípios da legenda: o primeiro, *respeito a Deus e à religião*; o segundo, *respeito à memória, identidade e cultura do povo brasileiro*; o terceiro, *defesa da vida, da legítima defesa, da família e da infância*; e, por último, *garantia da ordem, da representação política e da segurança*. No primeiro princípio, Karina afirmou que *a Aliança reconhece o lugar de Deus na vida, na história e na alma dos brasileiros* e disse que *o povo é religioso e solidamente educado na base do cristianismo. Jamais a laicidade do Estado significou ateísmo obrigatório, como ocorre em regimes totalitários que perseguem a religião*, disse a advogada. (Carta Capital, 24/11/2019)

O texto acima foi extraído de um dos sites jornalísticos brasileiros e traz em sua redação as propostas do novo partido do presidente. A religião tem proporcionado a legitimidade que o presidente necessita para conduzir o país a partir dos princípios cristãos conservadores. O uso do termo religião está mais vinculado ao cristianismo, quase um sinônimo na perspectiva do atual governo. Desta forma, se consegue legitimar um estado teocrático, onde o governante recebe toda a autoridade concedida por Deus, se torna inquestionável, infalível, mesmo que expresse ideias e comportamento reprovável por uma parcela da sociedade brasileira.

A lógica para se construir uma realidade está na utilização do autoritarismo, do poder do discurso, da religião oferecendo legitimidade e o simbolismo necessário para que o país saía da crise e reine soberanamente, mesmo que isso seja *Fake News*.

3. Solução para o Caos. O Mito Bolsonaro

Onde está a solução para o caos criado? Mesmo que os autores do governo, e até mesmo o Presidente da República não declarem de maneira direta, este pensamento de ser a solução para o Brasil faz parte do discurso do governo de Bolsonaro. A aceitação do clamor da população que grita *Mito*, aponta para o fato de que Jair Bolsonaro concorda com esse discurso. Quando se constrói um mundo caótico que precisa ser combatido e o atual presidente se coloca como a solução utilizando expressões como

conhecereis a verdade e a verdade vos libertará (João 8,32), refere-se a ele como a verdade que extinguirá o caos. A utilização da religião neste sentido aproxima o ser humano daquilo que lhe é necessário. Para Lilla, a teologia cristã tem um papel importante nesta questão:

Os serem humanos suplicam por segurança. Um poderoso aspecto aliciante da teologia política, qualquer que seja a sua forma, é o seu alcance. Ela não só oferece uma maneira de pensar sobre a condução dos assuntos humanos como liga também esses pensamentos a outros mais elevados, sobre a existência de Deus, a estrutura do cosmos, a natureza da alma, a origem de todas as coisas, o fim do tempo (LILLA, 2010, p. 15)

Com o discurso religioso de matriz judaico/cristã o governo fomenta e traz à tona um anseio de teocracia que se torna aliciante para aqueles que professam tal fé. Para o fiel de uma religião cristã, ter um presidente que seja cristão e que confesse a mesma fé num Deus todo poderoso, senhor da história, se apresenta como a concretização de um sonho. E o atual presidente se apresenta como o escolhido por Deus para empreender este ideal cristão. Para Lilla, este aspecto está na essência da teologia política, *é um discurso sobre autoridade política baseado numa conexão divina revelada* (LILLA, 2010, p. 29). Quando o governo, na pessoa do presidente Bolsonaro usa frases e chavões bíblicos, transmite ao imaginário cristão a informação de ser ele o messias enviado. Ele realmente se coloca como aquele que irá resolver os problemas econômicos, de corrupção, de costumes, que confrontam os ideais da família tradicional.

Seria necessário tentar compreender a teologia política brasileira em sua complexidade, pois o campo religioso brasileiro é singular em suas variáveis e hibridismo. Lilla nos oferece a possibilidade de observar a teologia política caracterizada em três aspectos, ou a abstração de Deus:

Uma maneira de retratar Deus é vê-lo com uma forma imanente no mundo, especial e temporalmente. Neste quadro, o mundo é um lugar caótico onde as forças em movimento – divinas, humanas e naturais – são todas uma amálgama. ... um segundo quadro que encontramos na história da religião é um Deus distante, aquele que vira as costas ao mundo e que esconde a face. A primeira vista, a atracção de um *deus absconditus* pode não ser evidente.

Um terceiro quadro teológico apresenta-nos um Deus que nem é distante do mundo nem habita no seu seio. Este é o Deus transcendente do teísmo. É também o Deus da bíblia hebraica, que oferece o relato mais exaustivo de um tal ser (LILLA, 2010, p. 30, 32, 34 respectivamente).

Parece-nos difícil caracterizar uma forma em que a realidade brasileira seja enquadrada. O hibridismo religioso brasileiro, onde se encontra a presença de diversos elementos de religião indígena, africana, cristã, católica; podem em certos momentos

perceber as características de uma teologia política influenciada por uma religião ora imanente ora transcendente, com tendência judaico/cristã. Esta impressão não é de todo errada, pois na perspectiva apresentada por Lilla, a teologia cristã sobre a trindade possibilita essa leitura. Na teologia da Trindade, Deus se apresenta de maneira transcendente na pessoa de Deus Pai assim como imanente na pessoa do Espírito Santo, e a pessoa do Filho apresenta um elemento messiânico no tempo e fora do tempo.

De certa forma, esta argumentação pode explicar a forma como o presidente Bolsonaro atende a uma demanda que a priori parece contraditória. Quando ele defende por exemplo o armamento e a resposta violenta aos criminosos e inimigos de seu governo, reflete uma leitura fundamentalista das leis e textos hebraicos do Antigo Testamento. E ao mesmo tempo utiliza frases ditas por Jesus Cristo, sem confrontar o amor de Cristo com a violência das armas; aparentemente refletindo o pensamento de uma teologia política cristã, baseada na propositura da Trindade. A teologia cristã que tem como base a Trindade, proporciona um movimento pendular entre duas tradições, judaica e cristã sem que seja feito o exercício exegético de se ler o Antigo Testamento pelo viés do Novo Testamento, e sob a perspectiva do verbo encarnado.

Além desta perspectiva Trinitária da teologia cristã, atenta-se para outro ponto levantado por Lilla, observando a questão messiânica (LILLA, 2010, p. 39). O messianismo que se faz presente na teologia política cristã, com raiz no Judaísmo, mas com sua especificidade, também alimenta ideologicamente o mundo e a resposta dada ao caos que se pretende proposto pelo atual governo brasileiro. Nota-se a diferença entre as duas raízes, judaica e cristã, a primeira mais concreta e com forte aspecto político, pois tem como modelo ideal o reinado de Davi, que se apresenta com uma possibilidade a realizar. Na perspectiva cristã, se apresenta mais complexa, pois tem o messias que veio, e ainda virá para concluir sua obra. Contudo, na essência de ambas está aquilo que de fato comove as pessoas, a esperança no tempo futuro, a esperança de um *mundo novo*, restaurado por Deus.

No imaginário da religião judaica/cristã o messianismo se apresenta carregado de profunda significação e poder. A utilização desta simbologia não é nova e nem foi a primeira, mas esta categoria continua sendo eficaz em mobilizar as pessoas para a utopia de um mundo melhor.

O atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro, ainda se apresenta como a solução para o país, pois atende ainda a uma demanda construída pelo grupo denominado Bancada BBB (Bíblia, Bala e Boi), que agrupa as bancadas Evangélica,

Armamentista e Ruralista. Há algum tempo e de certa forma, esta Bancada Evangélica preparou o terreno para que alguém que se enquadrasse nas propostas conservadoras pudesse representá-la. Para compreender a questão do conservadorismo no Brasil, além de Nisbet, recomenda-se observar o que apresenta Almeida, em *A onda quebrada, evangélicos e conservadorismo*. (ALMEIDA, 2017). Neste trabalho, Almeida propõe que o conservadorismo evangélico não se caracteriza apenas no aspecto moral, mas faz parte de uma malha de ações entre as esferas econômica e moral, com forte aspecto repressivo e com consequências sociais. Neste sentido, estas expectativas vinham sendo alimentadas principalmente por uma forte presença pentecostal e neopentecostal, que acolheu o atual presidente como aquele que atenderia as demandas exigidas por este grupo conservador.

Não é sem interesse que Jair Messias Bolsonaro, se apresenta citando a Bíblia, convocando o povo cristão, nomeando ministros e declarando que o governo e a justiça brasileira precisam de evangélicos na justiça e no poder. Além de invocar sobre si o conceito de *messianismo*, ele faz isso em relação aos evangélicos estabelecendo um vínculo com o *movimento messiânico*, provocando o entendimento dos evangélicos como povo escolhido por Deus para governar o país. Negrão nos oferece uma compreensão sobre estes dois conceitos:

O primeiro (messianismo) deles diz respeito à crença em um salvador, o próprio Deus ou seu emissário e a expectativa de sua chegada, que porá fim à ordem presente, tida como iníqua ou opressiva, e instaurará uma nova era de virtude e justiça; o segundo (movimento messiânico) refere-se à situação coletiva (por parte de um povo em sua totalidade ou de um segmento de porte variável de uma sociedade qualquer) visando a concretizar a nova ordem ansiada, sob a condução de um líder de virtudes carismáticas (NEGRÃO, 2015, p. 49).

Como vimos, o presidente se apresenta como a solução para os problemas do Brasil e a construção de um mundo novo, o povo cristão, unindo evangélicos, católicos e a todos que abraçam o ideal conservador, compõem a imagem de um messias e um movimento messiânico que solucionará todos os problemas do mal que assolam o país. *O Brasil acima de tudo e Deus acima de todos*, se apresenta com síntese desta ideologia que acolhe os anseios de uma parcela cristã.

Considerações finais

Neste artigo, uma das questões levantadas pode ser motivo controverso na perspectiva da historiografia, pois foram feitas comparações com alguns conceitos como totalitarismo, absolutismo. Conceitos que tem um vínculo muito estrito com a história e eventos específicos. Contudo, foram apenas exemplificações para denotar situações que

foram geradoras destes regimes. Foram utilizados propositadamente para chamar a atenção como exemplos e pistas que indicam um caminho já trilhado por sociedades que vivenciaram o percurso até chegar nestes regimes de maneira plena, o totalitarismo e absolutismo. A análise feita por Arendt (2019) nos proporciona os limites para não considerar a situação vivida pelo atual governo brasileiro como tal. E nos aponta para o fato de que as questões aparentemente insignificantes deram origem ao estado totalitário.

Esta perspectiva não está de todo descartada no contexto brasileiro, pois os últimos dias tem nos mostrado no bolsonarismo fortes indícios de um desejo pelo domínio. No dia 21 de abril de 2020, o presidente Jair Messias Bolsonaro participou e discursou a uma multidão de pessoas que saíram às ruas para pedir o fechamento do parlamento, do STF e a tomada do poder pelas Forças Armadas Brasileira e entre gritos, clamar pela implantação do AI5, fazendo referência à ditadura militar ocorrida entre 1964 e 1985.

Por outro lado, pode-se perceber como se constrói um mundo polarizado entre o bem e o mal, onde a religião se apresenta com forte instrumentalidade na idealização deste mundo, possibilitando e favorecendo a legitimação de poderes e governos. Uma construção coletiva, onde autores que se unem em busca de um ideal perfeito, ainda que seja ilusório, mas que obtenha êxito, é funcional. Na perspectiva de Weber, se um ideal funciona, se torna real pelo menos para as pessoas que idealizaram.

Por fim a figura do presidente se apresenta como o messias, e no jogo da construção deste cosmos não se evidencia apenas a figura do messianismo, mas do movimento messiânico, pois o povo cristão, particularmente grande parcela de evangélicos, se apresenta como o povo enviado por Deus para erguer um *novo mundo*, um novo Brasil. No recém-criado partido *Aliança pelo Brasil*, a família Bolsonaro traz a ideia de um novo partido, um povo está sendo organizado para este novo tempo. Um presidente, um povo escolhido por Deus que se apresenta infalível, inquestionável, pois é de Deus.

Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA, R. *A Onda Quebrada, evangélicos e conservadorismo*. In: Dossiê Conservadorismo, Direitos, Moralidades e Violências. Cad. Pagu, no. 50 Campinas, 2017, Epub. June 26, 2017.
- ALVES, R. A. *Protestantismo e Repressão*. Editora Ática, São Paulo, 1979.
- ARENDR, H. *Origens do Totalitarismo*. Companhia das Letras. São Paulo, 2019.

- BERGER, P. L. *O Dossel Sagrado*. Paulus, São Paulo, 2018.
- CARTA CAPITAL, Revista. <https://www.cartacapital.com.br/>
- CASTELLS, M. *Ruptura: A crise da democracia liberal*. Zahar, Rio de Janeiro, 2018.
- DURKHEIM, É. *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. Paulus, São Paulo, 2008.
- ESTADO DE MINAS, Jornal.
https://www.em.com.br/app/noticia/politica/2018/04/14/interna_politica,951685/10-frases-polemicas-de-bolsonaro-que-o-deputado-considerou-brincadeira.shtml
- LILLA, M. *A Grande Separação: Religião, Política e o Ocidente Moderno*. Gradiva, Lisboa, 2010.
- LÖWY, M. Sobre o conceito de *afinidade eletiva* em Max Weber. In PLURAL, Revista do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da USP, São Paulo, v.17.2, 2011, p.129-142. Disponível em <http://www.revistas.usp.br/plural/article/view/74543/78152>
- NEGRÃO, L. N. *Sobre os Messianismos e Milenarismos Brasileiros*. In: *Messianismo e Milenarismo no Brasil*. Edusp, São Paulo, 2015. P. 49-68.
- NISBET, R. *O Conservadorismo*. Editorial Estampa, Lisboa, 1987.
- PEREIRA, J. B. B. & QUEIROZ, R. S. *Messianismo e Milenarismo no Brasil*. Edusp, São Paulo, 2015.
- WEBER, M. *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. Ed. Martin Claret, São Paulo, 2018.